

A TRADUÇÃO DE LIVROS ESTRANGEIROS EM PORTUGAL, COM MANUEL RODRIGUES LAPA

Evelina Verdelho
Univ. de Coimbra

Entre a vasta e diversificada bibliografia de Manuel Rodrigues Lapa¹, encontramos escritos breves, de leitura ao alcance do grande público, que com o passar dos anos não perderam interesse e significado. É o caso do artigo "Os problemas da cultura: A tradução de livros estrangeiros", que veio a lume no jornal *O Diabo*, Lisboa, nº 114, de 30 de agosto de 1936, p. 1².

Vários motivos fazem jus a que nos detenhamos neste texto. Desde logo, é de salientar a firme chamada de atenção nele efetuada para a importância da tradução e, em particular, para a função desta na formação cultural dos povos. Não sendo por certo a voz do Mestre da Filologia Portuguesa nem a única, nem a primeira a pronunciar-se sobre esta matéria, merece no entanto ser assinalado que o tenha feito com o relevo de um editorial de primeira página e, principalmente, com a autoridade intelectual e cívica que já na altura possuía³. O enorme incremento que, por todo o orbe e em diversos planos, a tradução atingiu posteriormente, sobretudo na segunda metade

-
- 1 Cf. Isabel Vilares Cepeda, "Bibliografia do Professor Manuel Rodrigues Lapa". In *Boletim de Filologia*. Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, tomo XXIX (Homenagem a Rodrigues Lapa, vol. II), 1984, pp. 595-628.
 - 2 Este periódico, que se apresentou como "Grande Semanário de Literatura e Crítica", começou a ser publicado em 1934 e terminou o seu percurso em 1940. Em 1936 Rodrigues Lapa era o diretor. Nele colaboraram outras figuras marcantes do panorama político e intelectual português da época, como Fidelino de Figueiredo, Raul Proença, Abel Salazar e Antônio Sérgio. Para mais informações sobre *O Diabo*, ver: Clara Rocha, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 455-457, 651; Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa, Grifo, 1996, pp. 129-141 (obs.: esta obra resulta da reformulação do livro anterior do A., *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*. Lisboa, Contexto, 1986; até ao momento foi editado um volume, tendo sido anunciado que se prepara a publicação de outro).
 - 3 Entre as publicações com elementos informativos sobre a biografia do Mestre, assinalamos a seguinte obra, recentemente editada: José Ferraz Diogo, *Manuel Rodrigues Lapa. Fotobiografia*. Anadia, Câmara Municipal de Anadia, Casa Rodrigues Lapa, 1997. Veja-se em especial "Cronologia ilustrada", pp. 25-93.

do século XX⁴, e em especial a alta valorização, que se verifica na atualidade, do seu papel nas relações entre culturas diferentes, põem em ênfase a justeza e a modernidade da tomada de posição de Rodrigues Lapa.

Sublinhamos ainda a idéia exposta no texto de, num país como Portugal, em que grande parte da população tem conhecido só a sua própria língua, haver forte conveniência em se publicar com abundância traduções de qualidade de obras estrangeiras escolhidas. Se é certo que, com o decorrer do tempo, foram preenchidas muitas das lacunas que o Professor apontou, relativas a uma maior divulgação, em língua portuguesa, de autores de outras nacionalidades e línguas, mantêm contudo grande pertinência as considerações que expendeu sobre os requisitos das traduções e dos tradutores, nomeadamente no campo literário.

Acresce que o texto constitui um claro testemunho de traços marcantes da personalidade de Rodrigues Lapa, como o seu profundo empenho na promoção cultural do povo português (particularmente das «camadas populares»), o seu desassombro no enfrentamento de opiniões estabelecidas, e a sua abertura de espírito a horizontes e valores universais.

Dado que atualmente não se tem fácil acesso ao artigo em referência – confinado como está a alguns exemplares de *O Diabo*, que só existirão em limitado número de bibliotecas - vamos transcrevê-lo na íntegra. Retomando depois as observações do Autor, acrescentaremos algumas breves notas, designadamente sobre a sua intervenção na atividade translatória portuguesa, e sobre aspectos do desenvolvimento e do estudo desta, no país, desde a época da publicação do texto até aos nossos dias.

Os problemas da cultura:

A tradução de livros estrangeiros – Rodrigues Lapa

A tradução dos livros estrangeiros é – todos o sabem mas ninguém o⁵ diz e repete – uma das condições para a formação da cultura dum povo. Uma nação não pode hoje, como não pôde nunca, mas hoje menos do que nunca, fechar-se em si própria, viver apenas de si, das suas produções materiais e

4 Cf. Francisco José Magalhães, *Da Tradução Profissional em Portugal (Estudo Sociológico)*. Lisboa, Edições Colibri, 1996, I Parte, em particular pp. 21-36. A propósito da importância da atividade translatória no nosso tempo, o A. referiu com oportunidade que Octávio Paz o classificou de "o século da tradução", e que se traduziu "mais no último meio século do que em toda a história da humanidade". (citações de p. 21).

5 Na lição de *O Diabo* ocorre "a", que, por ser "gralha", substituímos por "o". Mais abaixo, vê-se "livraria", em vez de "livrarias", e "incitação", em vez de "imitação", o que também corrigimos. Ao transcrever o texto, limitamos ao mínimo a nossa intervenção.

espirituais. Por muito rica que seja, sempre lhe falta alguma coisa, algo que é indispensável ir buscar lá fora e adaptar cuidadosamente às necessidades cá de dentro. Assim se formam, nos domínios do espírito, as chamadas consciências nacionais: sobre uma camada antiga, quase sempre indeterminável, contribuições vindas de toda a parte.

A nossa cultura portuguesa é das que mais devem às culturas estrangeiras; e é um princípio dessa mesma cultura viver em contato fraternal com as outras, tirar delas elementos vivificadores. Sempre que assim não foi, tornamo-nos pesados, monótonos, sensaborões. Podemos erigir este princípio em lei: somos tanto mais originais quanto mais inteligentemente imitamos as grandes correntes espirituais do estrangeiro. Com uma condição todavia: é que essa imitação não seja servil, seja apenas um incitamento de forma e não destrua em nós o gênio criador; antes pelo contrário, o suscite e exalte. Se quiséssemos abonar estas afirmações não teríamos mais que percorrer as épocas da nossa cultura, caracterizadas umas pela imitação servil, outras pela assimilação criadora.

Partindo pois deste princípio, da inelutável necessidade que temos em conhecer o que se escreve pelo mundo fora, pergunta-se: – Que se tem feito até hoje para tornar conhecido entre nós o complicado mundo das idéias do nosso tempo? Que livros, daqueles livros fundamentais, que têm comovido a consciência da Europa, se têm traduzido em português? Sei que nos vão objetar: os grandes livros são escritos ou estão todos traduzidos em francês, de modo que a sua versão para a língua nacional é coisa perfeitamente dispensável. É isso que pretendemos discutir, é essa opinião que é necessário destruir.

Não se trata aqui evidentemente dum pequeno escol de privilegiados, que sabem o francês e arranham um pouquinho de inglês ou de alemão. Por muito veneráveis que sejam esses senhores, não pretendem certamente representar a grande massa do país, que só conhece uma língua viva: a sua. Ora, é nessa que lhe devem ser brindadas as grandes criações do gênio artístico e do pensamento dos homens. Mesmo ainda que as camadas populares estivessem um dia aptas para conhecer o francês, o que não é absurdo supor, seria sempre na sua língua. no admirável instrumento que vão criando, que lhes deviam ser apresentadas as traduções. E não por quaisquer motivos de ordem nacionalista. mas por uma razão mais simples: para uma perfeita tradução não pode haver intermediários que alterem a simpatia entre o autor e o leitor.

Seria uma tarefa extremamente instrutiva fazer a estatística dos livros estrangeiros que se têm traduzido e se estão lendo em português. À parte alguns nomes, poucos, de primeira grandeza, como Shakespeare, Molière, Balzac, Zola, Gorki, traduzidos *em tempos* e de modo irregular, por vezes, o que se vê por aí no estendal das livrarias chics e barateiras é do mais reles que se produz lá fora. Muito português só conhece da literatura estrangeira os romances de Richebourg e Pérez Escrich, vendidos em fascículos e entregues ao domicílio, pelo pobre distribuidor, que acotovela na escada a mulher do peixe. Ou, se lê os jornais ainda, e tem meninas fantasiosas em

casa, também se regala com a fancaria literária dos folhetins do *Século* e do *Notícias*. Mais nada, ou pouco mais.

As necessidades do nosso Consultório, seção importantíssima do nosso jornal, talvez nos façam empreender um dia aquela estatística de que falamos acima. Desde já porém podemos afirmar que o que se passa com a literatura francesa, a mais conhecida entre nós, é sob todos os aspectos alarmante. Da literatura clássica, tão importante para a investigação da alma humana, pouquíssimo se tem traduzido, se excetuarmos Molière e uma outra rara novela. Os grandes nomes de Corneille, Racine, Pascal, Descartes são desconhecidos do nosso vulgo. Do século XVIII, hoje como que em moda, dadas as suas tendências políticas e sociais, são caríssimas as traduções dum Montesquieu, dum Voltaire, dum Diderot, dum Condorcet, dum D' Alembert. De Rousseau, o homem que enche toda a época e projeta a sua sombra no Romantismo, não conhecemos uma única tradução, pelo menos acessível.

No século XIX está regularmente divulgado Victor Hugo e muito menos Lamartine, um pouco ainda Balzac. As polémicas da nossa escola realista provocaram algumas traduções de Flaubert, Maupassant e Zola; mais tarde surgiram algumas versões dos romances morais de Bourget e de Bordeaux. Da riquíssima literatura atual, nada ou quase nada. Romain Rolland, André Gide, Barbusse, Malraux, Giono, Montherland, Giraudoux, Duhamel, Mauriac, só são conhecidos de alguns poucos intelectuais. O público nunca lhes ouviu pronunciar os nomes. Por que se não abalançam os nossos editores, que estão vivendo do recheio antigo, a traduções destes autores, escolhidos nos diferentes campos ideológicos? Por que não tentam uma vez por outra lançar autênticas obras de arte ?

Enquanto não respondem a resposta desde já sabida da falta de interesse dum público, que nunca cuidaram de educar, vejamos agora outro aspecto do problema: a tradução em si. É lamentavelmente certo que as traduções que aparecem no nosso mercado são por via de regra muito más. Más, não só aquelas que forçosamente o têm de ser, porque em segunda ou terceira mão: – é o caso de alguns livros ingleses, alemães e russos, só traduzidos do francês; más ainda aquelas que são feitas diretamente sobre o original francês. Em geral, o tradutor é um jornalista ou escritor em apuros de bolsa, a quem se encomenda *comercialmente* o negócio; só muito raro um verdadeiro tradutor. Por isso a obra, vertida para a nossa língua, aliás capacíssima, fica deslavada, quando não de todo infiel. Enfim, a verdadeira confirmação do ditado italiano: *traduttore-traditore*.

Ora o problema da tradução tem-se posto modernamente num sentido totalmente contrário ao do famoso ditado. O tradutor, longe de ser um traidor, deverá interpretar fidelissimamente a obra de arte, assimilando o seu estilo, conhecendo a personalidade do autor, e o ambiente em que viveu. O seu trabalho não é humilde e apagado: é um esforço por vezes hercúleo e uma verdadeira recriação. Uma tradução feita nestes termos rigorosos custa tanto ou mais que uma obra original. De sorte que, a vingar este novo

princípio da tradução, vamos ter uma nova categoria de escritores: os que se dedicam exclusivamente a traduzir obras estrangeiras.

Reconhecemos que ainda não chegou talvez o tempo para essa nova espécie de literatos, a quem conviria pagar o que seria devido à sua cultura. O comércio privado não poderia acarretar com as despesas: é lícito porém esperar que um dia o Estado se possa encarregar dessa obra, organizando uma equipe perfeitamente habilitada de tradutores especializados, que trabalhem diretamente sobre as fontes. Nessa ocasião, o povo terá aquilo de que tanto carece: livros bons, que, por entre as canseiras do pão duramente ganho, lhe encham de luz o espírito.

Ao discorrer sobre as traduções em português, disponíveis pelos anos trinta, Rodrigues Lapa aponta e recrimina, como vimos, a insuficiência das mesmas, tanto sob o ponto de vista qualitativo, como quantitativo, dirigindo comentários particularmente críticos às traduções de certos romances publicados em prestações, quer em fascículos, quer em folhetins de jornais. Para nos inteirarmos, documentadamente, da pertinência da visão negativa apresentada pelo Filólogo, percorremos os periódicos que menciona. Nos exemplares dos meses de 1936 que antecederam o artigo, detectamos em *O Século* os romances seguintes: *A Cicatriz Reveladora*, de Albert Jean; *O Porco Espinho*, de Henri Falk; *O Sinete n.º 3* (sem nome de autor). O próprio jornal alerta sobre a espécie de leitura que essas obras oferecem, ao anunciar, por exemplo, *O porco espinho*, como um «folhetim rico de peripécias e com um delicioso fio amoroso (...), a curiosa história de um moço poeta e sonhador que ambiciona a glória». Esse romance abre com a frase «Como é bela uma boa salsicharia!». No *Diário de Notícias* apareceram no mesmo período: *A Morte de Sardanapalo*, de Jean de la Hire; *A filha Adotiva*, de Frédéric Valade; *O Sete de Espadas*, de J. Joseph-Renaud; *A Casa Amaldiçoada*, de Noré Brunel. Todos são invariavelmente recomendados como grandes romances modernos de amor, paixão e mistério. O diálogo de abertura do último, que começou a ser publicado em 10 de maio de 1936, é como se segue: «– Que imprudência! exclamou Diniz ao ver entrar Margarida. Tu aqui, no meu quarto! É uma loucura! – Oh! suplicou ela, leva-me contigo! Partamos! Que me importa a desonra, o que possam pensar de nós?! Que me importa o desprezo e a maldição dos meus se só contigo é que eu posso ser feliz?!».

Compreende-se bem que o homem de letras e cidadão, que Rodrigues Lapa foi, referisse com verbo acusador a tradução de folhetins como os que acima são indicados, e também a tradução de romances de Richebourg e Pérez Escrich (sobreviverão hoje estes autores, para lá dos limites dos artigos que algumas enciclopédias lhes concedem?). Não lhe faltando nem o conhecimento das «grandes criações do gênio artístico e do pensamento dos homens», nem a consciência do interesse do acesso generalizado – e não

apenas de alguns leitores mais favorecidos - a essas criações, nada mais natural que condenasse a leitura preponderante, na época, de fantasias lamechas, para mais servidas em prosa paupérrima e canhestra, e que preconizasse a realização de mais e melhores traduções⁶.

Ao trazer a público a sua apreciação crítica da tradução em Portugal, e ao proclamar a necessidade de se traduzir em maior quantidade e com maior exigência, Rodrigues Lapa exprime, de modo esclarecido e incisivo, uma opinião que era partilhada e levada à prática por outros intelectuais portugueses seus contemporâneos.

É o que se comprova ao percorrer os primeiros três anos de *O Diabo* (1934-1936). Este semanário, além de apresentar, pela pena de diversos colaboradores, artigos sobre autores estrangeiros⁷, publica destes, em língua portuguesa, alguns poemas e trechos de prosa⁸. Essa situação observa-se ainda mais notoriamente na revista *Seara Nova*⁹, em que o Professor colaborou durante um largo período, e que dirigiu, tal como *O Diabo*. Folheando os anos de 1936-1939 da *Seara*, aí encontramos numerosas traduções de textos de teor político, filosófico, pedagógico, técnico e outros, e também, com alguma assiduidade, traduções de textos literários¹⁰. Além disso, o "Grupo Seareiro" editou os *Cadernos da Seara Nova*, com várias seções, entre elas a "Seção de Textos Literários" e a "Seção de Textos Filosóficos", que incluíram, a primeira, traduções de obras como *Plutos*, de Aristófanes (trad. de A. Lobo Vilela), *Siracusanas e Três Idílios*, de Teócrito (trad. de Marcos), e a segunda, *Crítone*, de Platão (trad. de Agostinho da Silva)¹¹.

6 Já antes de publicar o artigo em análise, Rodrigues Lapa deixara em *O Diabo* várias chamadas de atenção para a conveniência de se lerem bons escritores estrangeiros. Assim sucede, por exemplo, na seção "Consultório" do n° 94, de 12 de abril de 1936, p. 6.

7 Por exemplo, nos números do ano de 1936 de *O Diabo*, vimos textos sobre literatura francesa (Descartes, Lamartine, Rouget de Lisle, Guy de Maupassant, Romain Rolland, Albert Thibaudet, Zola), espanhola (García Lorca, Valle-Inclán), inglesa (Kipling, poetas da época romântica), italiana (Pirandello), alemã (Ossietzky) e russa (Máximo Gorki).

8 Cf., por exemplo, *O Diabo*, ano de 1936, n° 83, de 26 de janeiro, pp. 3 e 6, tradução de "Sonata de Outono", de Valle-Inclán.

9 Esta "revista de doutrina e crítica" teve início em 1921 e termo final em 1979. Visava "intervir ativamente na vida política do país", em particular pela ação cultural e pedagógica. Entre os seus fundadores contam-se Luís da Câmara Reis, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão e José de Azeredo Perdigão. Veja-se: Clara Rocha, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, pp. 373-377, 643-644; Diogo Pires, *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*, pp. 273-275.

10 Sem falar de pequenas frases de autores como Cervantes, Condorcet, Thomas Mann, André Maurois, Pope, na *Seara Nova* vêem-se, por exemplo, traduções de textos de Richard Browning, Kipling, García Lorca, Renan, Platão e Sócrates. As obras de alguns desses autores mereceram publicação nas coleções seareiras que referimos no texto.

11 As obras mencionadas são publicitadas na *Seara Nova*, por exemplo, n° 483, de 20 de agosto de 1936, p. 39. Várias outras traduções se seguiram a estas primeiras.

Entre outras críticas, expressas por individualidades do tempo, assinalamos as que se lêem no nº 527 da *Seara Nova*, de 18 de setembro de 1937, p. 455, subscritas por Castelo Branco Chaves, ensaísta e tradutor. Nesse lugar, Chaves teceu comentários negativos a deficiências linguísticas de traduções recentes. Os seus reparos motivaram uma resposta de Maria Archer, escritora e igualmente tradutora, que foi publicada no nº 530 da mesma revista, de 9 de outubro de 1937, pp. 26-27. Embora o sentido geral das palavras de Archer seja de protesto contra o que aquele escrevera, esta mulher de letras não deixou de corroborar a denúncia de «más traduções» feita por Chaves, que, de seguida, no mesmo número da *Seara*, p. 27, ampliou a crítica anterior e se pronunciou a favor da publicação de «boas traduções de excelentes obras estrangeiras».

Como que dando exemplo do trabalho translatório, seletivo e rigoroso, que havia a emprender, Rodrigues Lapa preparou uma versão em português do *Amadis de Gaula*, que publicou em 1937¹². Em matéria de traduções, porém, foi particularmente relevante a sua intervenção na atividade desenvolvida por outros intelectuais.

Num volume que recentemente trouxe à luz a sua correspondência, está incluída uma carta que lhe foi endereçada em 10 de abril de 1937 pelo editor e livreiro Augusto Sá da Costa, em que este dá conta de que Lapa aceitara o convite que lhe fizera para dirigir uma coleção de autores clássicos, cujo projeto editorial expõe ponto por ponto. Sá da Costa propunha-se editar «tanto autores portugueses como estrangeiros, nomeadamente: latinos, gregos, brasileiros, franceses, ingleses, espanhóis, italianos, etc., sendo a relação destes para os portugueses de um terço»¹³. É esse projeto que está na origem da conhecida (e hoje extensa) "Coleção de Clássicos Sá da Costa", na qual, a par de obras portuguesas, figuram, de fato, traduções de obras escritas originalmente em outras línguas, embora em menor número. Entre elas contam-se as seguintes: Homero, *Odisseia*, *Iliada*, *Poemetos e Fragmentos*; Dante, *A Divina Comédia*; Demóstenes, *Oração da Coroa*; Sófocles, *Tragédias do Ciclo Tebano*: La Bruyère, *Os Caracteres*.

12 *Amadis de Gaula*. Seleção, tradução, argumento e prefácio de Rodrigues Lapa. Lisboa, Seara Nova, 1937, "Textos Literários, Autores Portugueses". Foram feitas várias reedições desta publicação. A tradução do Filólogo apareceu também em vários números da *Seara Nova*, do mesmo ano de 1937 (nº 500 a 512).

Um outro trabalho de tradução assinado por Lapa é a versão da "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão", publicada na *Seara Nova*, nº 620, de 1 de julho de 1939, pp. 26-28.

13 *Correspondência de Rodrigues Lapa. Seleção (1929-1985)*. Seleção, organização e introdução de Maria Alegria Marques, Ana Paula Figueira Santos, Nuno Rosmaninho, António Breda Carvalho e Rui Godinho. Coimbra, Minerva, 1997. Veja-se a carta nº 64, pp. 79-81. O trecho citado é da p. 80. (Ao citar esta obra, atualizamos a ortografia).

Segundo se depreende da missiva mencionada e de outras que integram o referido volume de correspondência, o Filólogo teve voz decisiva não só na seleção das obras a traduzir, como também na dos tradutores. Assim, em carta de 24 de junho de 1937, Joaquim de Carvalho, emérito historiador e professor da Universidade de Coimbra, agradece a Lapa que se tenha lembrado dele para a tradução do *Discurso* [do método], de Descartes, que diz ter muito adiantada¹⁴; esse texto surgiu na dita colecção, ainda em 1937, mas traduzido por Newton de Macedo (que foi professor na Faculdade de Letras do Porto), conjuntamente com o *Tratado das Paixões*, do mesmo autor francês.

Em outra carta, de 5 de julho desse ano, Vitorino Nemésio comunica-lhe a sua aquiescência à tarefa de traduzir uma seleção de cartas de Madame de Sévigné¹⁵, que veio a publicar em 1939, agradecendo também ter sido escolhido. Pela mesma correspondência é-nos dado verificar que, tanto Vitorino Nemésio, como Joaquim de Carvalho, transmitem ao Professor que Paulo Quintela, então jovem docente da Universidade de Coimbra, aceitaria traduzir Goethe¹⁶. Quintela - além de várias outras traduções de autores alemães, ingleses, etc. - haveria de trazer a público a sua primeira edição dos *Poemas* de Goethe, em 1949, em outra colecção, os "Acta Universitatis Conimbrigensis"; mais tarde, subscreveu a revisão atualizada da versão do *Fausto*, elaborada no século XIX por Agostinho d'Ornellas, que reeditou pela primeira vez em 1953, igualmente nos Acta.¹⁷

No seu artigo, Rodrigues Lapa, depois de aludir às pechas das traduções, faz referência a características do trabalho do tradutor, opinando que este deve possuir preparação especializada, vasta informação e capacidade criativa. Pelo que sabemos, na direção da "Colecção de Clássicos Sá da Costa", o Filólogo agiu, pois, em coerência com as concepções expostas, ao solicitar a colaboração de personalidades como Joaquim de Carvalho e Vitorino Nemésio, ambos docentes universitários e escritores.

Escusado seria observar que, em Portugal, o desempenho da atividade translatória por parte de personalidades altamente qualificadas, no campo das Letras¹⁸, não ficou de modo nenhum confinado ao contexto da "Colecção

14 *Ibidem*, carta n° 66, pp. 82-83.

15 *Ibidem*, carta n° 67, p. 83.

16 *Ibidem*, cartas n° 65, 66, 67, pp. 81-83.

17 Sobre a atividade tradutiva de Paulo Quintela, veja-se ainda infra, p.8, e nota 19.

18 Sobre a variedade de domínios em que, na atualidade, a tradução se realiza, bem como sobre a diversidade de formações curriculares que envolve, veja-se a obra já referida de Francisco José Magalhães, *Da Tradução profissional em Portugal*, em especial pp. 15-17, e pp. 25-36.

de Clássicos Sá da Costa". Sobretudo nas últimas décadas, têm vindo a público numerosas traduções de obras literárias elaboradas por docentes e investigadores universitários, alguns deles simultaneamente poetas e prosadores - como é o caso, por exemplo, entre os mais conhecidos, além de Vitorino Nemésio, de Jorge de Sena e David Mourão-Ferreira. O convívio exigente e constante, pela docência e investigação científica, com as línguas e literaturas das suas áreas de especialização, tem-lhes permitido não só trabalhar «diretamente sobre as fontes», como também valorizar as suas versões com introduções e notas explicativas fundamentadas.

A este respeito – e na impossibilidade de referir aqui, com exaustividade, as abundantes contribuições havidas, no círculo de todas as universidades portuguesas, nas mais diversas áreas lingüístico-literárias, tanto no passado como na atualidade – distinguimos o vasto e valioso contingente de traduções publicadas pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Até ao momento, além de várias versões de textos do humanismo renascentista em Portugal, surgiram trinta e seis volumes de textos clássicos antigos, traduzidos por investigadores deste Centro, na maior parte docentes do Grupo de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da referida instituição universitária. Os dois primeiros volumes apareceram em 1978 e oferecem traduções de duas comédias de Plauto, respectivamente, *Anfitrião*, por Carlos Alberto da Fonseca Louro, e *O Gorgulho*, por Walter de Medeiros; o último, datado de 1993, contém o tratado *A Amizade*, de Cícero, numa versão de Sebastião Tavares de Pinho. Na área das traduções do texto clássico, justifica também menção especial a publicação da *Carta a Pamáquio, sobre os Problemas da Tradução. Ep. 27*, de São Jerônimo, Lisboa, Edições Cosmos, 1995. Esta versão deve-se a Aires Augusto Nascimento, Professor de línguas e literaturas clássicas da Universidade de Lisboa, que assinou, além desta, outras cuidadas traduções de textos latinos.

Ainda como exemplo ilustrativo de atividade translatória exercida com elevada proficiência e fecundidade por docentes e investigadores universitários em Portugal, não podemos deixar de trazer de novo à colação o nome de Paulo Quintela. Este Professor da Universidade de Coimbra, germanista de reconhecido mérito, votou grande parte do seu trabalho intelectual à tradução. Além de assinar versões de obras de Calderón de la Barca, D.-H. Lawrence, Ben Jonson, Molière, Francis Thompson, Gil Vicente, e de obras de Goethe (algumas atrás mencionadas), traduziu ainda vários outros autores de língua alemã, tais como Bertolt Brecht, Hilde Domin, Gerhart Hauptmann, Friedrich Hölderlin, Gottfried Keller, Nietzsche, Rainer Marie Rilke, Nelly Sachs, Friedrich Schiller e Georg Trakl. Com o seu desempenho de tradutor muito beneficiou em particular o teatro em Portugal, que de resto suscitou muitas das suas traduções. Na verdade, graças a Paulo Quintela,

designadamente através do "Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra" (TEUC) – que dirigiu durante largos anos, com notável talento – foi possível entre nós o conhecimento de peças de grandes autores dramáticos de além-fronteiras, em língua portuguesa, e em apresentações de alto nível. Sobre o rol de obras traduzidas por Paulo Quintela, que inclui, ao lado de textos literários, textos de fundamentação teórica em vários domínios científicos (por ex. de Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*), é esclarecedora a "Bibliografia", incluída em *Biblos*, Revista da Faculdade de Letras, Coimbra, vol. LI, 1975, organizado em sua homenagem (ver sobretudo pp. 23 - 28)¹⁹

A perspectiva exigente e rigorosa com que, há mais de meio século, Rodrigues Lapa indicou rumos para a atividade translatória em Portugal, tem estado a ser corroborada nos nossos dias com a criação e funcionamento de diversos cursos de tradução, de vários graus académicos, em escolas privadas e públicas, incluindo as principais Universidades portuguesas, através dos quais se pretende formar, no plano teórico e prático, tradutores competentes, aptos a satisfazer solicitações crescentes e diferenciadas²⁰.

Aspectos de ordem profissional, relativos ao exercício eficiente e dignificado da atividade translatória em Portugal, incluindo aspectos de ordem material – que o Filólogo também considerou, com a sua habitual frontalidade – estiveram na origem da "Associação Portuguesa de Tradutores", criada em maio de 1988. Esta associação tem publicado o *Jornal da APT*, desde o início de 1994²¹.

-
- 19 Sobre a atividade de tradutor de Paulo Quintela, consulte-se ainda: *Paulo Quintela. Exposição bibliográfica*. Organização e catálogo de Maria Alice Curado e Maria Armanda de Almeida e Sousa. Coimbra, Faculdade de Letras, 1986; Karl Heinz Delille, Maria Antônio Hörster, Maria Esmeralda Castendo, Maria Manuela Gouveia Delille, Renato Correia, *Problemas da Tradução Literária*. Coimbra, Livraria Almedina, 1986 (em especial pp. 16-18 e 83-116); Maria Antônio Henriques Jorge Ferreira Hörster, *Para uma História da Recepção de Rainer Maria Rilke em Portugal (1920-1960)*. Dissertação de Doutoramento em Literatura Alemã, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993, 2 vols, pp. 102-149 (entre outras informações, encontramos registado, no I vol., p. 102, que P. Quintela, além de vários outros importantes galardões, recebeu o Prêmio Europeu de Tradutor 1985, atribuído pela Fundação FVS de Hamburgo).
- 20 Cf. Francisco José Magalhães, *ob. cit.*, III Parte, pp. 21 3-250, sobre a "Formação do Tradutor Profissional", em Portugal. O A. dá notícia das instituições que, até 1994, têm sido responsáveis, no país, pelo ensino de tradução, nos três níveis de ensino que distingue: básico – institutos de línguas (setor privado) e escolas do ensino secundário (setor público); «tradutorizante» – universidades privadas, universidades públicas e institutos politécnicos; profissional - dois institutos. F. J. Magalhães realizou inquéritos junto das diversas instituições, tendo assim obtido elementos minuciosos que regista, acompanhados de apreciações críticas, sobre as disciplinas, duração e objetivos dos cursos ministrados por cada uma.
- 21 Agradecemos ao atual Presidente desta Associação, Dr. Francisco José Magalhães, a indicação da data da fundação da APT. Agradecemos à Doutora Maria Antônio Hörster o empréstimo da sua coleção do *Jornal da APT*, e também a leitura atenta de uma primeira redação deste trabalho.

No seu artigo, Rodrigues Lapa pretendeu oferecer, compreensivelmente, não uma longa listagem das traduções portuguesas de livros estrangeiros, mas apenas uma visão geral das traduções literárias disponíveis, muito em especial de autores franceses, acompanhada de comentários sobre a sua baixa qualidade, e sobre as carências maiores, como eram as de traduções dos grandes «clássicos do século XVII, de filósofos do século XVIII, e – sublinhe-se – da «riquíssima literatura atual». A disponibilização de informações, muitas vezes abundantes e pormenorizadas, sobre a publicação de traduções em Portugal ocorreu com frequência em *O Diabo*, no espaço de várias seções que tratavam de temas literários, entre elas o "Consultório", que Lapa menciona. Por exemplo, no nº 110, de 2 agosto de 1936, p. 4, e no nº 126, de 22 de novembro do mesmo ano, p. 2, esta seção dá notícias acerca de traduções de, respectivamente, Gorki e Zola. No concernente ao escritor francês, ficaram registados os nomes dos tradutores, chegando-se ao ponto de se avaliar a qualidade de um deles – Eduardo de Barros Lobo, *Beldemónio* – com a observação de que se correspondia com o romancista francês, a quem pedia «informações sobre a boa maneira de traduzir»²².

Como é óbvio, não há cabimento para, neste lugar, dar notícia minuciosa das inúmeras traduções efetuadas em Portugal, desde a publicação do artigo de Rodrigues Lapa até ao momento presente, dos autores que menciona e de muitos outros. Tampouco há espaço para referir, de modo exaustivo, os numerosos estudos entretanto publicados²³, que trouxeram importantes contributos para o conhecimento da amplitude e cronologia da atividade translatória no país, das interferências das obras traduzidas no sistema literário português e da recepção de autores estrangeiros. Limitar-nos-emos, assim, a concluir com uma bibliografia seletiva de publicações sobre a tradução de autores franceses, muito especialmente de alguns que foram referidos pelo Filólogo e Mestre que homenageamos. Os leitores interessados em obter esclarecimentos sobre a divulgação, através de traduções portuguesas, nos tempos mais recentes e também em épocas transactas, de escritores como Balzac, Descartes, Lamartine, Molière, Racine, Rousseau, Victor Hugo e Voltaire, poderão obtê-los diretamente pela mão de investigadores que a esse tema consagraram trabalhos detidos e fundamentados.

22 Não temos a certeza de as informações apresentadas no "Consultório" de 1936 provirem todas de Rodrigues Lapa. Esta seção não é assinada.

23 Temos notícia de estar no prelo, para incluir numa publicação a editar em breve por Walter de Gruyter (Berlim-Nova York), um trabalho relativo à tradução em Portugal e sua incidência na formação da identidade nacional, em que se analisa, entre outros períodos, a atividade translatória portuguesa dos séculos XIX e XX. O estudo deste período é assinado pela Doutora Maria Antónia Hörster.

BIBLIOGRAFIA SELETIVA

Sobre a tradução de alguns autores franceses, em Portugal

- ANDRADE, Antonio Alberto de – "*Descartes em Portugal nos Séculos XVII e XVIII (No 3º Centenário da morte de Descartes)*". In *Brotéria*, LI, 1950, pp. 432- 451 . Incluído posteriormente no volume *Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1982, pp. 169-190.
- CARNEIRO, Maria do Nascimento Oliveira - "*As Traduções Portuguesas de Victor Hugo no Século XIX (Romance e Teatro)*". In *Victor Hugo em Portugal. Actas do Colóquio (No Centenário da sua morte)*. Organização do Prof. Ferreira de Brito, da Fac. de Letras do Porto. Porto, 1987, pp. 249-261 .
- CASTRO, Aníbal Pinto de - *Balzac em Portugal. (Contribuição para o Estudo da Influência de Balzac em Portugal e no Brasil)*. Coimbra, Coimbra Editora, 1960. Ver sobretudo cap. IX ("*Traduções Portuguesas de Balzac*"), pp. 247- 259.
- CIDADE, Hernâni - *Lições de Cultura e Literaturas Portuguesas*. 7ª ed. corrigida, atualizada e ampliada, Coimbra, Coimbra Editora, 1984, 2 vols. Ver em especial 2º vol., IV, cap. I, III ("*As Traduções - Influência Francesa e Italiana*"), pp. 366-378.
- COELHO, Jacinto do Prado - *Presença da França nas Letras Portuguesas nos Séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro, 1964. Sep. de *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, nº 25, Março, 1964.
- CRISTÓVÃO, Fernando Alves - "*Presença de Fénelon no Espaço Literário Luso-Brasileiro. Subsídios para um Estudo*". In *Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France. Actes du Colloque*. Paris, II - 16 Octobre 1982. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983, pp. 135-150.
- LE GENTIL, George - "*Filinto Elysio, traducteur de Chateaubriand*". In *Revue de Littérature Comparée*, número consacré au Portugal, Janvier-Mars, 1938, pp. 83-101.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira - "*Racine et le Portugal*". Lisbonne, Institut Français au Portugal, 1940. Extrait do *Bulletin des Études Portugaises*, número spécial, 1940.
- MARTINS, António Coimbra - "*Pombal e Molière*". In *Revista da História das Idéias*, IV, t. II, Coimbra, 1982, pp. 291-319.
- MARTINS, Antonio Coimbra - "*A Propósito de uma Tradução de «George Dandin» atribuída a Alexandre de Gusmão. Subsídios para o Estudo da Projeção de Molière em Portugal*". In *Arquivos do Centro Cultural Português*, I, Paris, 1969, pp. 216-235.

- MARTINS, Antônio Coimbra - "*Rayonnement de Molière au Portugal (1666-1768)*". In *Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France. Actes du Colloque. Paris, 11-16 Octobre 1982*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983, pp. 95-199.
- MARTOCQ, Bernard - "*Molière revu par Castilho: Traduttore, traditore?*". In *Arquivos do Centro Cultural Português*, XXIII, Paris, 1987, pp. 681-708.
- MIRANDA, José da Costa - "*Notas para um Estudo sobre o Teatro de Molière em Portugal (Século XVIII)*". In *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, XIV, 2, Lisboa, abril-junho de 1973, pp.181-236.
- MIRANDA, José da Costa - "*Notas para um Estudo sobre o Teatro de Molière em Portugal (Séculos XIX e XX)*". In *Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France. Actes du Colloque. Paris, 11-16 octobre 1982*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983, pp.171-194.
- OUTEIRINHO, Fátima - "*As Traduções da Obra de Rousseau em Portugal: Texto e Paratexto*". *Línguas e Literaturas*, XII, Porto, 1995, pp. 395-418.
- OUTEIRINHO, Maria de Fátima - *Lamartine em Portugal. Alguns Aspectos da sua Recepção (1840-1890)*. Porto, Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1992. Sobre as traduções de Lamartine, veja-se em especial pp. 173- 205.
- REBELLO, Luís Francisco - "*Présence do Théâtre Français au Portugal (1700-1980)*". In *L'enseignement et l'Expansion de la Littérature Française au Portugal. Actes du Colloque. Paris, 21-23 Novembre 1983*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1984, pp. 163-173.
- RODRIGUES, A. Gonçalves - *A Novelística Estrangeira em Versão Portuguesa no Período Pré-Romântico*. Coimbra, 1951 . Sep. do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XX.
- RODRIGUES, A. A. Gonçalves - *A Tradução em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Instituto Superior de Línguas e Administração, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada, 1992-1994, 4 vols.
- RODRIGUES, A. Gonçalves - *Victor Hugo em Portugal*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985.
- Voltaire et la Cultura Portuguesa. Exposition Bibliographique et Iconographique*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1969. Sobre traduções portuguesas de Voltaire, ver pp. 86-106.
